Ricardo Cravo Albin*

Os 80 anos de Chico Buarque: Uma saudação

"Agora eu era o rei/era o bedel e era também juiz... E pela minha lei / a gente era obrigado a ser feliz..." e conclui "No tempo da maldade /acho que a gente / nem tinha nascido." (João e Maria – Chico Buarque-1977).

O sagrado deixa transparecer um horizonte novo de valores e significados sem os quais seria impossível viver. O sagrado não agrega o diverso do profano, o diverso da vida. Mas restabelece o sentido exato do profano e da vida. Chico Buarque antecipa na letra da canção João e Maria uma quase paráfrase do sagrado e profano, do supremo do juiz e da lei como antítese da bastardia de ser obrigado a... ser feliz, ou não nascer ... no tempo da maldade.

Essas reflexões extraídas do pensamento de Chico Buarque me chegam agora ao celebrar os 80 anos do talvez mais interessante brasileiro de toda sua geração.

Volto-me aqui para o sagrado, para a luz beatífica do Papa Francisco, que celebrou em 2020 a primeira homenagem papal a um poeta brasileiro, nosso Vinicius de Moraes, bem como ao ritmo do seu povo, o Samba, e de seus fundadores. Citar e louvar Vinicius, de certo, tem tudo a ver com os 80 anos de Chico. Eles foram amigos íntimos, além de parceiros. Gostavam-se intensamente um do outro.

Em meio a um forte discurso de apelo social e político a Encíclica do Papa Francisco aporta robusta citação a Vinicius (1913-1980). No sexto capítulo do texto, dedicado ao diálogo e à amizade social, Francisco menciona uma passagem da letra da música Samba da Benção,"A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida".

A flecha foi certeira em todos os níveis, a começar pela sacralidade do título do samba, o da Benção. Não que creio na música argentina (berço natal do papa) haja algo próximo a Tango da Benção. Em seguida o Papa que já antecipara seu amor ao Brasil na frase – "O Papa é argentino, mas Deus é brasileiro", escreve que várias vezes já convidou todos a fazer crescer "uma cultura do encontro que supere a dialética de colocar um contra o outro". "Seria um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro de muitas faces, muitos lados, mas todos a compor uma unidade rica de matizes, porque o todo é superior à parte" doutrinava o Papa com sabedoria.

A necessidade de diálogo é um dos temas de essência desta relevante terceira Encíclica assinada pelo Papa há mais de cinco anos. No documento o Pontífice adentra na definição de conceitos como populismo e neoliberalismo, rejeitando ambos.

As ideias políticas de Francisco não são novas e fazem parte de seus piedosos discursos públicos. "Todos irmãos"(-Fratelli Tutti) significa a síntese perfeita de seu ideário social e político. O Papa é direto e corajoso ao atacar o consumismo, a globalização implacável, o liberalismo econômico, a tirania sobre a propriedade privada quando subtraindo direitos aos bens comuns. E até sobre o controle que as empresas digitais exercem sobre a população, incluindo aí as Fake News.

As formas menos compassivas de capitalismo são objeto de ácidas críticas do Pontífice. Há também protestos dele à falta de aprendizado após a pavorosissima crise econômica provocada pela pandemia. Que não serviram para que a "atividade financeira especulatória e a riqueza fictícia fossem regulamentadas". E o Papa aprofunda – "o Mercado sozinho não resolve tudo, embora mais uma vez eles queiram que acreditemos neste dogma de fé liberal. É só um pensamento pobre e repetitivo diante de qualquer desafio que surja", reitera o Papa com firmeza pouco vista em qualquer Encíclica anterior. E conclui – "existem regras econômicas que foram eficazes para o crescimento, mas não para o desenvolvimento integral do homem."

Convidado naquela época a falar para a Rádio Vaticano por conta da citação ao Samba do Brasil e a meu amigo Vinicius, fiz questão de realçar que o poeta carioca foi muito católico na juventude chegando a ser coroinha no Colégio São Bento.

Chamei em especial a atenção da emissora pelo fato de Vinicius ter sido muitas vezes celebrado pelos amigos como um místico, defendido a religiosidade, essência segundo ele, do Bem e de muitas perseguições, especialmente as exercitadas contra escravos nas senzalas do Brasil. E ainda hoje...

De mais a mais, concluí a extensa entrevista que fiz para o Vaticano reiterando que Vinicius pedia a benção, em comovedor preito de humildade aos formadores negros e mulatos da MPB. Chamando-se a si mesmo de "Capitão do Mato, e o Branco mais Preto do Brasil".

Enquanto o poeta era de família tradicional católica, seu parceiro Baden Powell morreu evangélico praticante.

A Encíclica de Francisco se fez de imediato clássica e premonitória, razão por que me permito evoca-la aqui ao saudar os 80 anos de Chico Buarque Nesses cem anos creio que apenas João XXIII chegou a tal profundidade ao doutrinar sobre política, economia, solidariedade aos pobres.

Portanto, faltará pouco aos extremistas de direita para rotularem o Papa de comunista.

Vinicius louvou a arte do encontro, do respeito ao outro. Usou de sua poesia para empunhar a verdade, mas em forma de oração no Samba da Benção.

"Fazer samba não é contar piada/e quem faz samba assim não e de nada/o bom samba é uma forma de oração..." (Samba da Benção- Baden Powell e Vinicius de Moraes- 1967).

Creio firmemente que Chico Buarque ao adentrar os 80 anos repetiria com gosto e prazer o vaticínio de seu amigo Vinicius de Moraes : - "Um bom samba e uma forma de oração".

Daqui saúdo Chico Buarque, a quem tenho o prazer (e o privilegio) de conhecer bem ao comecinho da fulminante carreira, La pelos meados de 1965/66.

Já escrevi varias vezes a partir do momento que conheci Francisco Buarque de Holanda – "Este Chico Buarque concentra uma soma de virtudes que põem de pé um quase milagre" – O "Brasileiro-rei" o "Homem-orgulho de seu país".

Emanuel Alencar*

Emergência climática: alertas antigos, ações vagarosas

"Sim, o mundo está num processo perigoso de mudanças climáticas que põe em xeque o futuro da Humanidade. (...) O Brasil não parece estar dando atenção devida a essa mudança de vida de todos os habitantes do planeta, sem exceção". O trecho não é de uma publicação recente, motivada pela grave crise no Rio Grande do Sul. Consta num editorial do jornal "O Globo" do dia 16 de março de 2007. Sim, há mais de 17 anos. Os sinais vermelhos sobre uma realidade difícil, dura e complexa - decorrente dos fenômenos climáticos extremos - para o Homo Sapiens são antigos; como também não são atuais as dinâmicas de ocupação de solo que vão na contramão do que preconiza práticas mais modernas da administração pública. Palavras como prevenção, mitigação e adaptação parecem esquecidas no dicionário de nossas cidades.

O cenário é preocupante em todo o país: entre 1985 e 2022, a expansão das áreas urbanizadas em áreas com risco de cheias aumentou 2,7 vezes, mostra levantamento do MapBiomas. Na Região Metropolitana do Rio, uma em cada cinco residências ficam em áreas suscetíveis a enchentes, mostra um relatório da ONG Casa Fluminense. Sabemos todos a receita que abastece essa realidade nefasta: gestores fisiológicos que incentivam ocupações sem critério de olho nas urnas, inaptidão frente a novas dinâmicas climáticas, incapacidade de cidades apresentarem projetos qualificados de enfrentamento à crise do clima.

A hecatombe do Sul - que não deve ser naturalizada - suscita a necessária virada de página na gestão de nossas cidades. É imperativo que a questão da adaptação climática deixe de ser uma "agenda" secundária aos olhos do poder público. É urgente que obras públicas tenham seus projetos amparados nos estudos climáticos. Nada será como antes. Recentemente, o climatologista Carlos Nobre resumiu o contrassenso contemporâneo: "É uma ignorância total do sistema econômico e fiscal não perceber que é muito pior não fazer nada. Esses eventos levam à morte de milhares de pessoas. Isso é inadmissível".

Para que possamos avançar, entretanto, é premente que enfrentemos o negacionismo científico. Não deve haver tolerância a uma gente que destila bobagens, rasga o bom-senso e espalha fake news. Há consenso entre os cientistas: estamos numa nova era geológica, a era em que a ação humana afeta todos os domínios do planeta. A emissão desenfreada e constante de combustíveis fósseis tem alterado profundamente os regimes do clima.

O iceberg está logo ali, e nosso navio singra o mar escuro em alta velocidade, rumo ao choque. Não dá mais tempo de desvio, mas é possível diminuir danos. O enfrentamento à emergência climática deve entrar definitivamente no orçamento das cidades. É uma questão de justiça socioambiental: as populações mais ameaçadas e que mais sofrem com as consequências do aumento de eventos extremos são pessoas negras, de baixa renda e que habitam regiões periféricas, em especial mães chefes de família.

***Jornalista**

EDITORIAL

Filho é filho e ponto final

Recentemente, mais um caso de um filho matando os pais — e a irmã — tomou conta de todo o noticiário brasileiro. De fato, é uma informação necessária que a sociedade deve ter ciência, porém, será mesmo que a forma que alguns colegas da imprensa abordam o assunto é sinônimo de ética e responsabilidade?

Noticiar um caso grave desse, como tantos outros já ocorridos em nosso país, é importantíssimo. Mas, é necessário fazer uma reflexão de que nem tudo é preciso ser apontado e que suas consequências, às vezes, mesmo que de forma indireta, pode afetar a vida de outras pessoas. No caso citado acima, vimos diferentes veículos de comunicação destacando que o adolescente era filho adotivo do casal. Em que muda trazer tal informação tão destacada como alguns fizeram? Será que de fato ser um filho adotivo o torna mais propício a realizar tal crime? Com certeza a resposta é não! E isso se concretiza com os tantos outros casos envolvendo filhos biológicos, temos até aqueles que viraram documentários, por exemplo.

Nós jornalistas precisamos prestar atenção nos mínimos detalhes daquilo que escrevemos ou falamos, uma vírgula colocada de forma equivocada pode prejudicar e muito outras pessoas.

Como uma família, que está em processo de adoção, vai absorver de forma totalmente 'tranquila' o destaque de que um filho adotivo matou os pais? Será mesmo que certos textos não podem influenciar para que eles repensem em tal ação que estão dispostos? Vamos além, como os parentes dessas famílias vão aceitar este novo ou nova integrante de forma totalmente positiva e afetiva?

Fala-se tanto sobre conscientização sobre gênero, cor e religião; combatem tanto o preconceito que está impregnado na sociedade, mas é muito difícil lermos sequer um parágrafo que ressalte a importância da 'parentalidade adotiva', que é tão válida e legal quanto qualquer outra.

Aquela famosa expressão 'pai/mãe é quem cuida' deveria ser levada mais a sério por muitos que ainda acabam trazendo a adoção como fator para algum tipo de diferença ou discriminação. Quando elaboramos uma reportagem, não falamos que um filho é biológico, mas sim, somente filho. Quando a criança ou adolescente é adotado, ele também não se torna filho? Então, qual é a necessidade de estampar que o indivíduo foi adotado trazendo um viés negativo? Nenhuma.

Finalizamos este editorial com as sábias e importantes palavras da presidente do Grupo de Apoio à Adoção de São Paulo (GAASP), Cecília Reis, através de carta aberta aos veículos de comunicação: "É necessário parar de permitir que os outros enxerguem essas famílias como famílias de menor valor e que se vejam no direito de intervir, influenciar ou mesmo invalidar esses laços".

'Zeca Mania' conquista o Brasil

Zeca Pagodinho participou, na última quarta-feira (22) da inauguração de uma nova unidade do bar que leva seu nome, no Norte Shopping, na zona Norte do Rio de Janeiro.

A noite de lançamento contou com show do sambista e até um padre para benzer o estabelecimento temático.

O Bar do Zeca Pagodinho foi idealizado pelo empresário Paulo Pacheco e tem como temática a trajetória do cantor. Essa é a sexta unidade do bar, que tem outras quatro lojas no Rio e uma em São Paulo.

A festa de inauguração contou com as presenças de Xande de Pilares, Hélio de La Peña e outros artistas, além dos sócios do bar.

A proposta de ter um bar que homenageie a carreira de cantores de samba, por mais que parecesse óbvia, dada a proximidade das rodas de samba cariocas com a vida boêmia, demorou a virar uma tendência, mas agora parece ter embalado de vez.

Estando mais em alta do que nunca, o icônico Zeca Pagodinho, que não é muito afeito a essa vida de celebridade, parece ser mesmo a escolha perfeita para encabeçar essa tendência.

No ano em que completa 40 anos de carreira, Zeca está percorrerá o país com um show mega produzido, além de se apresentar em festivais como o Rock In Rio e o Rock The Mountain.

Essa 'Zeca Mania' é uma mistura de paixão pelo samba e a cultura do memes das redes sociais, o que acabou transformando o Zeca em um ícone que atravessa gerações, seja por seu talento musical ou por seu jeitão caricato que combina perfeitamente com o estilo de vida sonhado por alguns.

Fato é que o Zeca Pagodinho e o Bar do Zeca indicam uma parceria de sucesso por muitos anos a frente.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã

HÁ 100 ANOS: MOCIDADE ACADÊMICA A FAVOR DE IRINEU MACHADO

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de maio de 1924 foram: esquadrilha norte-americana da volta ao mundo chega a cidade japonesa de Kasumigaura, após mais de 12 horas de voo. Usinas Krupp ameaçam pralisar as produções no Ruhr por falta de carvão. A propagandista anarquista Germanie Berton é presa em Bordeaux por desacato. Mocidade acadêmica protesta contra a degola de Irineu.

HÁ 75 ANOS: PROCLAMADA A CONSTITUIÇÃO DA ALEMANHA OCIDENTAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de maio de 1949 foram: inicia-se em Paris a Conferência dos Chanceleres das potências mundiais para tratar de Berlim. Proclamada a constituição da República Fedeal da Alemanha Ocidental. Nacionalistas chineses recuperam o aeródromo de Lunghwa. Nega-se que Dutra tenha pleiteado um crédito de 150 milhões de dólares aos EUA.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22775-057
www.correiodamanha.com.br
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.